

Fotografia: Sílvia Aguião.



## Márcia Ramos Áran: sobre o que vi e o que ouvi

Daniela Murta\*

Em março de 2001, fui selecionada para estagiar no Serviço de Psicologia Médica do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF), da UFRJ. Naquele momento, cheia de expectativas sobre a possibilidade de iniciar a prática do cuidado da saúde mental daqueles que sofrem de alguma patologia somática, não poderia imaginar como um bom encontro mudaria definitivamente minha trajetória profissional.

Na chegada ao hospital, fui apresentada aos serviços que ali existiam, seu funcionamento e aos profissionais do setor. Entre psiquiatras e psicólogos que ali atuavam, Márcia Arán, recém-chegada de sua licença para o doutorado sanduíche no *Centre de Recherche Médecine, Sciences, Santé et Société* (CERMES) de Paris, foi apontada como a coordenadora do estágio e responsável pelas aulas teóricas do mesmo. Muito discreta e simpática, ela falou sobre o plano do estágio e apresentou seu projeto para as aulas teóricas.

Imediatamente, tivemos a impressão de que nos conhecíamos. Nenhuma de nós se lembrava de onde, mas ambas sabíamos que já tínhamos nos visto. Consideramos diversas possibilidades, espaços e amizades comuns, mas a memória não nos ajudava e apenas ficava a sensação de que, em algum momento, já tínhamos nos encontrado. Na rotina do trabalho, a curiosidade sobre essa experiência sempre retornava, mas o cuidado dos/as pacientes se apropriava de nossa atenção e, assim, o exercício dessa memória ficava para outro momento.

Os atendimentos tiveram início e, conseqüentemente, as aulas teóricas que faziam parte do programa de estágio. Considerando a necessidade de articular a experiência prática com a teoria, alguns textos foram indicados como referência para a discussão e um novo cenário começou a se configurar. Perspectivas diferenciadas para análise das relações entre corpo e mente e o processo de adoecimento foram introduzidas e questões específicas do ambiente hospitalar começaram a ser exploradas no sentido de desenvolver as habilidades dos alunos que ali estavam.

Entre leituras com as quais eu tinha pouca intimidade ou mesmo nem conhecia, fomos descobrindo interesses comuns que nos aproximavam. A partir de algumas conversas sobre psicanálise, nas quais eu ainda engatinhava e ela já caminhava

.....  
\* Psicóloga, cursa o pós-doutorado em Saúde Coletiva (IMS/UERJ), onde é membro do grupo de pesquisa "Reprodução biológica e social, sexualidade e bioética".

## HOMENAGEM DE VIDA

com propriedade, através de discussões sobre a feminilidade, começamos a nos aproximar da descoberta de onde nos conhecíamos. Após algum tempo, finalmente descobrimos a origem de nosso encontro. Eu, aluna de iniciação científica de uma colega dela de consultório, semanalmente tinha reuniões nas quais ambas atendiam, e quem na maioria das vezes abria a porta para mim era Márcia. De fato, nosso diálogo nunca tinha passado de um “boa tarde” e “obrigada”, mas dali para a frente o encontro promovido pela abertura daquela porta ganharia um significado muito maior.

Uma vez descoberto nosso ponto comum, com a convergência de interesses e a satisfação cotidiana de entrar em contato com autores e teorias apresentados por Márcia, a experiência daquele estágio ultrapassou as fronteiras do simples treinamento técnico. A possibilidade de conviver com alguém que priorizava o respeito à singularidade, somada à oportunidade de compartilhar de suas reflexões sobre a teoria e a prática assistencial que tinham como objetivo desenvolver um pensamento crítico, configurou-se como mais uma porta que Márcia abria, apresentando novos campos de estudo.

Passado algum tempo, precisávamos pensar no trabalho de conclusão do estágio. Cada um dos alunos apresentava suas questões, suas experiências, seus dilemas. Eu, particularmente, estava envolvida com situações bem diversas, mas uma atividade em especial me inquietava: o ambulatório de assistência a transexuais do qual participava com o dr. Sergio Zaidhaft. Ainda que o tema da sexualidade recorrentemente atravessasse nossas discussões, essa ainda era uma questão a ser explorada de forma mais profunda no ambiente hospitalar. Ao dividir essa experiência com Márcia, fui encorajada a abraçá-la sem imaginar que esta seria, talvez, a mais importante das portas que ela abriria, e, vale ressaltar, não apenas para mim.

Sempre muito generosa e gentil na tarefa de orientar os trabalhos, Márcia foi me apresentando mais e mais referências. Entre leituras clássicas como a *História da Sexualidade*, de Foucault (1993), a construção da divisão binária dos sexos de Laqueur (1990) e a reflexão crítica que ela vinha construindo sobre a diferença sexual, pude dar início a algumas reflexões sobre a transexualidade, tema que foi nosso objeto de estudo nos últimos dez anos. Ainda que abordar este assunto naquele momento fosse um grande desafio para ambas, seja pela pouca familiaridade com o mesmo ou pela minha “estreia” escrevendo uma monografia, escrever sob sua supervisão tornou-se uma tarefa prazerosa que não apenas deu início a uma grande parceria, mas talvez tenha sido a pedra angular do que considero uma das maiores contribuições de Márcia Arán: a discussão sobre a transexualidade no Brasil.

Falar de minha história pessoal com Márcia pode parecer um tanto pretensioso ou mesmo estranho, uma vez que meu objetivo aqui é, além de apresentar sua brilhante trajetória, homenageá-la por sua imensa contribuição ao campo da diversidade sexual. Contudo, não há como fazê-lo sem lembrar esses momentos, pois é a partir do que vi, do que vivenciei e aprendi com ela que me sinto capaz de transmitir o significado de sua produção. Antes disso, sei apenas do que ela me contou ou do que ouvi sobre ela.

Márcia nasceu no dia 4 de agosto de 1964, em Caxias do Sul, cidade da Serra Gaúcha. Filha mais velha de quatro irmãos, desde pequena e com bastante talento,

## HOMENAGEM DE VIDA

dedicou-se à dança, tornando-se professora e coreógrafa. Integrou a Companhia Municipal de Dança de sua cidade natal e, a partir daí, organizou e participou de espetáculos de repercussão e sucesso na década de 1980. Segundo dizia, amava a dança e retomar os passos sempre pareceu um grande desejo dela.

Paralelamente ao exercício da dança, Márcia ingressou na Faculdade de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS), onde, além de iniciar seu percurso profissional, passou a se engajar em lutas políticas. Inspirada pelo feminismo e preocupada com o exercício responsável da cidadania, esteve envolvida em movimentos sociais que buscavam a justiça social, estando muitas vezes na liderança de iniciativas em prol da liberdade, da dignidade da vida e do respeito à diversidade.

Em 1989, Márcia mudou-se para o Rio de Janeiro, onde pouco a pouco foi abandonando os passos da dança em favor das reflexões teóricas e dos passos acadêmicos. Após sua especialização em Psiquiatria Social na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e o desenvolvimento de pesquisas sobre o feminino na experiência psicanalítica no mestrado e no doutorado, ambos realizados no Instituto de Medicina Social da UERJ (IMS/UERJ), ela deu início a discussões consistentes sobre questões que rondam a sociedade moderna, como a exclusão das mulheres e o preconceito com aqueles/as que estão fora da norma, marcando definitivamente seu lugar como uma pensadora de ideias originais que impulsionam a reformulação de conceitos e afirmam a singularidade. Além disso, na segunda metade da década de 1990, participou com Joel Birman e outros psicanalistas da fundação do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBEP), onde contribuiu para a renovação da Psicanálise no Brasil dedicando-se ao estudo crítico da sexualidade e da cultura.

Paralelamente a estas atividades, Márcia atuou por 15 anos como psicóloga do Serviço de Psicologia Médica do HUCFF/UFRJ, onde se dedicou ao atendimento dos pacientes e seus familiares e desenvolveu vários projetos. Entre atendimentos ambulatoriais e nas enfermarias, sempre esteve preocupada com questões relacionadas às intervenções médicas sobre o corpo e o adoecimento, buscando compreender a experiência subjetiva daqueles que por ela eram atendidos/as. Além das atividades assistenciais, nessa instituição esteve também vinculada a comissões de ética, à formulação e à implementação de programas assistenciais específicos, como o Programa Interdisciplinar de Atendimento Integral da Mulher no Climatério e o Programa de Assistência Interdisciplinar a Pacientes Transexuais e Cirurgia de Transgenitalização e, principalmente, a projetos de pesquisa através dos quais deu início a sua significativa contribuição ao campo da saúde coletiva, assim como, posteriormente, ao campo da diversidade sexual e de gênero. É a partir daqui que posso falar não mais do que ouvi, mas sim do que vi.

Das pesquisas que desenvolveu no HUCFF/UFRJ, gostaria de destacar o projeto iniciado por Márcia em 2002 dedicado aos desafios impostos pela então recente proposta de assistência a pessoas transexuais naquela unidade de saúde. Intitulado “Transexualidade e cirurgia de transgenitalização: Um desafio para a medicina”, esse projeto de pesquisa, coordenado por ela, ao mesmo tempo em que refletia a inquietação de todos diante dessa nova prática assistencial, denotou sua contínua preocupação em compreender a experiência subjetiva daqueles que demandavam tal atendimento. Através desse estudo, que foi apenas o início de um trabalho ao

## HOMENAGEM DE VIDA

qual se dedicaria pelos dez anos seguintes, essa brilhante pesquisadora deu os primeiros passos em direção à discussão sobre a diversidade sexual e de gênero, que delinearam, posteriormente, referências para políticas públicas orientadas à população LGBT e, em especial, à população “trans” do Brasil.

Em 2004, Márcia se licenciou da UFRJ e retornou ao IMS/UERJ como professora visitante. Naquele momento, à frente de disciplinas que abordavam sexualidade, reprodução e política na cultura contemporânea, passou a se dedicar à docência e iniciou outros projetos de pesquisa. De forma geral, suas aulas eram um marco para todos que delas participavam e, entre seus alunos, era um consenso a forma singular como ela transmitia o conhecimento. Ao mesmo tempo em que suas aulas possibilitavam a compreensão de teorias complexas, os debates promovidos naquele espaço agenciavam deslocamentos em nossa forma de pensar que, ao potencializar uma visão crítica sobre os temas discutidos, abriam espaço para novas reflexões. As aulas com Márcia eram assim: profundas e agradáveis, objetivas e acolhedoras, um território fértil para novas construções.

No papel de professora visitante, a produção de Márcia foi tão intensa quanto a de qualquer outro docente efetivo de grandes universidades. Entre 2004 e 2007, período anterior à sua aprovação no concurso para professor adjunto do mesmo Instituto, além de orientar alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado, esteve à frente de diversos projetos de pesquisa, publicou uma dezena de artigos em revistas especializadas e o livro *O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação* (2006). De 2008 em diante, sua produção só avançou e, cada vez mais, seu trabalho contribuiu não apenas para o debate sobre políticas de saúde e o acesso a direitos como para a efetiva construção das mesmas, exercitando o que ela mesma denominava de sua “micropolítica”.

Um exemplo significativo disso foi a pesquisa coordenada por ela sobre a assistência a transexuais no Brasil. Tal estudo (cujo financiamento se deu a partir de um edital do CNPq em articulação com o Ministério da Saúde), ao investigar as condições de saúde dessa população no país, mapeou os serviços existentes e, principalmente, ampliou o conhecimento sobre a experiência trans. A pesquisa “Transexualidade e saúde: condições de acesso e cuidado Integral”, muito além de uma simples descrição dos modelos de atendimento em vigor no Brasil, cartografou a realidade brasileira desse grupo e, nessa perspectiva, subsidiou políticas públicas pioneiras, como o “Processo Transexualizador no SUS”, formalizado em 2008 pelo Ministério da Saúde, e a discussão atual sobre a despatologização da transexualidade.

Vale ressaltar que, embora a transexualidade tenha sido, no campo dos estudos de gênero e da diversidade sexual, o tema de maior visibilidade na produção de Márcia, seu interesse e contribuição nestes campos são anteriores às pesquisas que desenvolveu sobre este assunto. Seja através da revisão de conceitos psicanalíticos sob a ótica feminista ou pela discussão de temas contemporâneos, como o reconhecimento jurídico das famílias homoafetivas e até o uso de novas tecnologias reprodutivas por aqueles que não seguem padrões heteronormativos, reflexões sobre a sexualidade e suas redescrições sempre estiveram presentes em suas falas e escritos, o que tornou seu trabalho uma referência fundamental em qualquer discussão sobre gênero, sexualidade e subjetividade.



## HOMENAGEM DE VIDA

Enfim, conjugando o que vi ao que ouvi dizer sobre Márcia Arán, posso afirmar que sua trajetória profissional e pessoal marcou todos aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-la. Pessoalmente ou através de seus textos, quem esteve com Márcia dificilmente pode afirmar que não foi capturado por seus argumentos ou mesmo cativado pelo seu jeito afetivo e doce. A consistência de sua produção é indiscutível e sua companhia, seja em momentos de trabalho ou de descontração, sempre foi marcada pela potencialidade que apenas os bons encontros podem proporcionar.

Nesse sentido, concluo esta homenagem não apenas falando algo mais sobre essa pessoa admirável que foi Márcia Arán ou somente ressaltando a impossibilidade de estar hoje em sua presença física. Mesmo que precocemente ela tenha nos deixado e isso se desdobre em um grande vazio, é possível ainda não apenas ouvir sobre sua história, mas vivenciar a oportunidade de tê-la como interlocutora, pois seu brilhantismo está eternizado em sua produção.

## Referências bibliográficas

- ARÁN, M. *O avesso do avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- LAQUEUR, T. *Making Sex: body and gender from the Greeks to Freud*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.